



EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO ENSINO SUPERIOR: UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES DE ADMINISTRAÇÃO

ENTREPRENEURIAL EDUCATION IN HIGHER EDUCATION: AN ANALYSIS FROM THE PERSPECTIVE OF ADMINISTRATION STUDENTS

Recebido em 18.08.2021 Aprovado em 04.11.2021

Avaliado pelo sistema double blind review

DOI: <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51262>

Carla Patrícia de Sousa Silva

carlapatriciasilva22@gmail.com

Curso de Administração – Universidade Federal do Piauí – Floriano/PI, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0140-4854>

Etnny Coelho de Sa Pereira

Etnny07coelho@gmail.com

Curso de Administração – Universidade Federal do Piauí – Floriano/PI, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-5772-6679>

Jairo de Carvalho Guimarães

jairoguimaraes@ufpi.edu.br

Curso de Administração – Universidade Federal do Piauí – Floriano/PI, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-5901-5026>

Resumo

Compreender sobre em que condições o espírito empreendedor se sobressai, remete a aspectos relacionados à Educação Empreendedora. A adoção de modelos pedagógicos que tornem o ensino de empreendedorismo atraente para os graduandos representa um procedimento necessário visando à sua formação e ao estímulo ao empreendedorismo na academia. O objetivo do estudo é descrever como os estudantes de Administração percebem e avaliam a Educação Empreendedora no processo de formação acadêmica. A pesquisa tem abordagem quantitativa, natureza descritiva e utilizou o *survey*. Foi possível identificar que os estudantes têm perfil empreendedor e reconhecem a importância da Educação Empreendedora na formação acadêmico-profissional.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Educação Empreendedora. Graduação. Administração.

Abstract

Understanding under which conditions the entrepreneurial spirit excels refers to aspects related to Entrepreneurship Education. The adoption of pedagogical models that make the teaching of entrepreneurship attractive to undergraduates represents a necessary procedure aimed at their training and encouraging entrepreneurship in the academy. The aim of the study is to describe how Administration students perceive and evaluate Entrepreneurship Education in the academic training process. The research has a quantitative approach, descriptive nature and used the survey. It was possible to identify those students have an entrepreneurial profile and recognize the importance of Entrepreneurship Education in academic and professional training.

Keywords: Entrepreneurship. Entrepreneurial Education. Graduation. Administration.

Introdução

Os estudos sobre o empreendedorismo que têm sido divulgados nas últimas duas décadas demonstram que a temática avança quanto ao aprofundamento da compreensão o que concerne aos fatores que dão contorno ao constructo. Inobstante haver pesquisas sugerindo que não há consenso sobre o conceito de empreendedorismo (MORAIS et al., 2016; BURG; ROMME, 2014; ZAHRA; WRIGHT, 2011; SHORT et al., 2010), indicadores apontam que o campo de pesquisa sobre a matéria tem evoluído nos últimos anos (LANDSTRÖM; HARIRCHI, 2018). Embora considerando a polissemia do termo (GUIMARÃES et al., 2021), a partir da constatação da diversidade da origem e da dinâmica corrente para a formação do espírito empreendedor, há o reconhecimento de que a Educação Empreendedora (KURATKO, 2005; GUIMARÃES; SANTOS, 2020; MATOS et al., 2020) contribui substancialmente para a construção de modelos que estimulam o discente a pensar na possibilidade de enveredar no segmento empreendedor.

No Brasil, estudos acerca do empreendedorismo se tornaram um importante e fértil campo das investigações científicas a partir dos anos 2000 (BARRAL; RIBEIRO; CANEVER, 2018). Cabe ressaltar que estes estudos têm destacada relevância, uma vez que podem influenciar na geração de novos empreendimentos, especialmente em países emergentes, representando, por assim dizer, fator fundamental para impulsionar a economia de uma nação. Adicionalmente, o empreendedorismo tem contribuído para “[...] a criação de oportunidades de emprego, bem como o aumento de competências e produtividade para permitir que as populações carentes não apenas participem como clientes em potencial, mas também como fornecedores e produtores” (ROSCA; AGARWAL; BREM, 2020, p. 1).

Tendo em vista a admissão deste processo evolutivo, conferindo que, de fato, o empreendedorismo contribui para o desenvolvimento social e econômico regional e, por vezes, nacional, especialmente em cenários de crise, como o vivenciado pela COVID-19 (VINHAS; LOPES, 2021), invariavelmente o sistema empreendedor se expressa como alternativa resultante de situações emergentes e inesperadas, tanto quanto por meio de estruturado mecanismo de análise crítica, visão acurada, riscos estrategicamente calculados, inovação disruptiva e captação ou criação de oportunidades. Para tanto, em se tratando da imersão no universo empreendedor a partir de fundamentos técnico-teóricos, a Educação Empreendedora surge como processo eficaz na tentativa de estabelecer um marco didático-pedagógico com vistas a estimular a cultura empreendedora, a qual contribui para um ambiente sadio que permite o rompimento de paradigmas e a orientação para um comportamento empreendedor (McCLELLAND, 2010), capaz de seduzir os estudantes a compreenderem o seu papel no contexto socioeconômico local.

Portanto, surgiu a necessidade de analisar o tema sob a perspectiva da Educação Empreendedora, considerando que no ambiente universitário há uma processo crescente e sistematizado na abordagem, tendo em vista que não apenas nos Cursos de Bacharelado em Administração, mas também em outras Graduações – Bacharelados e Licenciaturas – (TROTTE et al., 2021) o empreendedorismo tem se tornado objeto de práticas e metodologias docentes, com o fito de prover os graduandos e egressos de condições capazes de permitir o ingresso no segmento, tendo como mola propulsora um conjunto de atributos composto de conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e ética – CHAVE. Como sinalizam Silveira, Nascimento e Riboldi (2018), as instituições de ensino representam espaços que conseguem habilitar e forjar as competências dos estudantes, promovendo nestes a capacidade de apreender o seu papel na composição das relações sociais, econômicas, políticas e culturais, contribuindo para o desenvolvimento regional.

Assim, fixando o objetivo do estudo como ponto de partida – descrever como os estudantes de Administração percebem e avaliam a Educação Empreendedora no processo de formação acadêmica – a presente pesquisa tenta desvelar, nas falas dos participantes, se há influência do docente quanto à formação empreendedora discente, e também compreender se a preparação e a habilitação do docente podem contribuir para a propensão ao empreendedorismo na ótica dos participantes do estudo.

Neste aspecto, é relevante contextualizar a abrangência do papel do docente para a formação do espírito empreendedor. Na visão de Greatti e Previdelli, (2004, p. 8),

[...] muitas vezes, é o desemprego e até mesmo a vontade de deixar de ser empregado que leva o indivíduo a montar seu próprio negócio. A ambição e a necessidade de “subir na vida” são variáveis que contribuem para isso. Entretanto, para entrar em uma nova atividade, o futuro empresário necessita de alguns requisitos que são imprescindíveis para quem pretende empreender: conhecimento do ramo do negócio que pretende assumir, aptidões empresariais e sensibilidade administrativa, capacidade de planejamento, capacidade de identificar e conviver com os riscos, entre outras características que em conjunto formam o perfil do empreendedor.

Para superar o desafio de capacitar e qualificar os estudantes de Graduação, preparando-os para atuar eficazmente no campo profissional, as Instituições de Ensino Superior – IES precisam estabelecer diretrizes e políticas consistentes, recorrer a professores preparados e estruturar o espaço acadêmico – Empresa Júnior, laboratórios de informática, biblioteca robusta de títulos na área – a fim de construir um ambiente propício ao empreendedorismo. Muitas IES têm atuado fortemente na formação de jovens para o universo empreendedor, promovendo a forja de idealistas empresariais, isto é, estudantes que tencionam criar as suas próprias empresas, a partir das ideias desenvolvidas no espaço acadêmico. A didática desenvolvida pelo professor com o propósito de explorar as possibilidades de inovação, de cognição e de percepção do graduando, consubstancia um ambiente universitário capaz de induzir os estudantes a conceberem soluções para o mercado (O'REILLY; ROBBINS; SCANLAN, 2019).

Estudos desenvolvidos por Garcia et al. (2012) comprovam este exemplo: que as possibilidades de abrir um negócio se ampliam quando o estudante reconhece as ações efetivas dos professores na viabilização de seus projetos profissionais e pessoais. Sob uma perspectiva similar, Paiva, Lima e Rebouças (2021) afirmam que o modelo adotado pelas universidades influencia diretamente a intenção empreendedora dos estudantes, concluindo, a partir das variáveis exploradas na pesquisa, que vários são os fatores que determinam a intenção em empreender a partir dos legados didático-pedagógicos adotados pela IES.

A partir de um estudo científico, cujo propósito foi relacionar o impacto da Educação Superior na intenção do graduando em empreender, Passaro, Quinto e Thomas (2018) afirmam que características específicas da Educação Empreendedora são os fatores-chave para o desenvolvimento da intenção empreendedora (ZHANG; WANG; OWEN, 2015), assim como na elaboração do capital humano, destacando o papel da Educação Empreendedora tanto para os estudantes – os quais os autores chamam de primeira missão – como para os aspirantes a empresários – denominados de terceira missão – visando ao estímulo destes na meta de promover a intenção empreendedora no ambiente acadêmico. Em outra frente, há estudos que indicam a importância do empreendedorismo e da Educação Empreendedora na formação de servidores públicos (ARNOLD; 2019). Conforme desvelou a pesquisa de Paula Neto, Emmendoerfer e Corrêa (2020), os resultados apontaram uma:

Configuração de diretrizes de educação para o empreendedorismo no setor público pautada nos construtos do contexto (macro, meso e micro), no perfil do servidor (aluno), na educação empreendedora, no marco jurídico e regulatório, na adequação da infraestrutura e na competência do facilitador (professor) (PAULA NETO; EMMENDOERFER; CORRÊA, 2020, p. 405)

No próximo capítulo, serão discutidos os conceitos e as imbricações relacionados ao empreendedorismo, à Educação Empreendedora (EE) e à autonomia do sujeito a partir da imersão no universo empreendedor – educação formal e atuação em campo –, cujos debates avançam em direção a uma composição densa do papel da academia na construção de modelos didático-pedagógicos capazes de fomentar a participação estimulante e de transformar os graduandos em protagonistas no processo de ensino-aprendizagem no campo sob análise.

Referencial Teórico

Breves apontamentos sobre o Empreendedorismo

O empreendedorismo abrange um conjunto de acontecimentos que se relacionam à prática de empreendedores, os quais auxiliam na compreensão do progresso e nas particularidades de seus negócios. Quando se aborda o tema empreendedorismo, remete-se à ideia de um conjunto de costumes, de atitudes e de práticas que constitui e delimita conceitualmente todas as possibilidades de manifestação. O empreendedorismo é uma demanda tão urgente quanto a necessidade de desenvolver a dimensão econômica de um país, por esta razão, inicialmente, os empreendedores foram vinculados às Ciências Econômicas. Posteriormente, o empreendedorismo foi justificado a partir de uma perspectiva comportamental do indivíduo (McCLELLAND, 2010). De todo modo, era corrente que criar e potencializar novos negócios, desenvolvendo meios que permitissem a geração de lucro era tido como uma ação conduzida por um economista (WERLANG; FAVRETTO; FLACH, 2017).

Atualmente, o empreendedorismo é uma ciência com mais de 80 anos, a qual tem evoluído rapidamente em vários países, avançando a partir de uma forte base empírica e teórica. Neste aspecto, a figura do empreendedor pode ser vista como um criador: aquele que transforma uma troca em potencial em uma troca real, aquele sem o qual a transação poderia nunca ocorrer (ARAÚJO et al. 2005). A habilidade de criação de novos empreendimentos depende do estímulo de cada empreendedor, ou seja, o importante é que esteja em permanente busca pelo êxito do negócio. Além de tudo é de suma importância que os empreendedores contem com variadas habilidades sociais, abrangendo uma consistente bagagem de competências empreendedoras. Com efeito, o componente comportamental é essencial no processo de formação do sujeito empreendedor e representa um elo significativo no desenvolvimento do marco empreendedor na atualidade. Ou seja, não basta estar preparado, é preciso ter atitude firme para tornar a ideia ou a oportunidade em algo cristalino. A execução da ideia do negócio, neste particular, torna-se a razão de ser da oportunidade.

Assim, fica claro que o ponto forte de um empreendedor é, além da atitude, o seu conhecimento, cujas ramificações para o sucesso perpassam por um sistemático processo de aprendizado e rearranjo cognitivo, a fim de se colocar sempre na frente dos concorrentes, garantindo uma melhor preparação para atuar com firmeza no mercado econômico (ZAMPIER; TAKAHASHI; TEIXEIRA, 2011). Sob o contexto da formação empreendedora no ambiente acadêmico, o comportamento esperado do estudante vai ao encontro dos conhecimentos, habilidades e atitudes que compõem o sujeito empreendedor, conforme acentuam Rocha e Freitas (2014), acrescidos dos valores e do componente ético na consagração dos pilares que sustentam a iniciativa empreendedora.

Neste movimento, o ensino do empreendedorismo, como processo formativo do estudante, precisa impulsionar formatos que permitam estimulá-lo a pensar nas possibilidades reais de atuar no segmento. Assim desenvolvido, o ambiente acadêmico constituirá um *locus* diferenciado, onde será possível construir caminhos para a abertura de novos negócios e também a propositura de políticas públicas que incrementem o ingresso das pessoas no empreendedorismo e que, nesta seara, desenvolva mecanismos para gerar emprego e renda, etc. Por outro lado, a dificuldade de acesso ao capital e o excesso de burocracia impõem barreiras para o desenvolvimento de novos empreendimentos, o que pode afugentar muitas das promessas de transformação da realidade socioeconômica local.

Diante desta realidade, as instituições de ensino devem oferecer as oportunidades necessárias para o aprendizado dos alunos, as quais precisam promover a intenção em empreender, utilizando formatos pedagógicos modernos que transportem os estudantes para o universo de possibilidades, não obstante as limitações que são impostas pelas condições tributárias, fiscais e econômicas atuais.

Nos estudos sobre empreendedorismo, as características do empreendedor é um dos temas centrais. No entanto, uma definição de empreendedor que parece ser mais compreensiva é “a pessoa que conduz o processo de criação de riqueza e de agregação de valor através do desenvolvimento de ideias, da obtenção e alocação de recursos e da realização de coisas - fazendo as coisas acontecerem” (ARAÚJO et al., 2005). No Quadro 1 constam algumas características de empreendedores de sucesso que se destacam no estudo de Araújo et al. (2005).

Quadro 1 – Algumas características de empreendedores de sucesso

• Visionários, cultivam a imaginação e aprendem a definir visões;
• Senso de oportunidade, explorar ao máximo as oportunidades;
• Otimistas e apaixonados pelo que fazem, sonhadores realistas que traduzem pensamentos em ação;
• Formam as redes de contatos e as utilizam intensamente para alcançar os objetivos;
• Criam valor para a sociedade.

Fonte: Araújo et al., 2005, p. 20.

Segundo a teoria visionária de Filion (1999), também analisada no artigo de Araújo et al. (2005), o empreendedor é uma pessoa que tem a capacidade de imaginar, fomentar e construir visões, desenvolver a energia, a liderança e o conhecimento de um determinado setor, além de ser capaz de formar um sistema de relações sociais, políticas, econômicas e culturais, como forma de ampliar as possibilidades de sucesso. Neste aspecto, o envolvimento com as nuances da educação formal se torna relevantes para uma melhor compreensão da dinâmica empreendedora.

Por outro lado – e isto importa considerar para conceber o devido espaço a quem pensa de forma diversa – há correntes que entendem o universo empreendedor apenas como um modelo, cujo efeito direto é a fragilização nas relações de trabalho, uma utopia, portanto, na medida em que desconsidera o processo histórico-social-dialético do indivíduo e, adicionalmente, adota um recorrente discurso de estímulo à conquista, ao êxito e ao enriquecimento material pela ação heróica de poucos (COSTA; BARROS; MARTINS, 2012). Ou seja, não se trata de uma construção em escala, sociologicamente falando, mas a implementação de medidas paliativas e de pouco alcance prático, porque apenas poucos se superam, quando se deparam com a difícil jornada de enfrentamento às desigualdades sociais, culturais, étnicas e econômicas que persistem no país.

Na mesma linhagem conceitual de Costa, Barros e Martins (2012), pensam Carmo et al. (2021), para quem os discursos que remetem ao empreendedorismo são depositários da ideologia neoliberal, as quais não consideram, na voz dos autores, as implicações sociológicas que o modelo capitalista impõe às pessoas, assim como não contemplam uma análise mais crítica acerca das repercussões que o sistema – envolvente, midiático, acessível e libertário – provoca no ambiente social de uma região, muito em razão dos modismos gerenciais da modernidade.

Entendem os autores (CARMO et al., 2021) que o empreendedorismo e, como reflexo, a Educação Empreendedora (EE), não consideram valores e costumes sociais historicamente estruturados e, portanto, não podem ser apontados como a salvação dos problemas econômicos e sociais do mundo moderno, nem podem ser o caminho exitoso e seguro no processo de migração do desemprego ao sucesso empresarial. Para os autores, o empreendedorismo se dissemina “[...] por meio de discursos, imperativos e normas de conduta, acaba por naturalizar sua forma de dominação. A racionalidade neoliberal destrói regras, instituições e direitos para produzir certas formas de viver e de se relacionar com os outros e, por meio disso, fabricar um novo sujeito” (CARMO et al., 2021, p. 19-20).

De todo modo, aqui se entende o empreendedorismo como um instrumento legítimo de transformação e de mudança socioeconômica do sujeito – emancipado ou ainda não – a partir da convicção de que uma educação universitária – inclusiva socialmente, gratuita em toda a sua extensão formativa e abrangente nos aspectos relacionados à etnicidade do homem brasileiro – voltada para a adoção de desenhos pedagógicos ativos, integrativos, solidários e participativos no campo do empreendedorismo promovem a autonomia do sujeito, torna-o emancipado criticamente, estimula-o permanentemente à adesão de movimentos revolucionários e visionários no campo e permitem que, desprendido e deliberadamente, tome as decisões que entender necessárias para conduzir o seu destino. Assim, a Educação Empreendedora (EE) se torna uma ação relevante na formação do gestor contemporâneo, a despeito das incontáveis críticas que são feitas visando a justificar a eventual ausência de políticas públicas que deveriam proporcionar renda e emprego para todos.

Função da Educação Empreendedora (EE) na Formação do Administrador

O interesse pela Educação Empreendedora teve um crescimento na última década e com as pesquisas realizadas sobre o tema foi possível perceber novas formas de contribuição para o desenvolvimento do indivíduo empreendedor, sendo as universidades um local importante para a disseminação de uma cultura empreendedora que seja integrada, interdisciplinar e transversal (SCHAEFER; MINELLO, 2016; IPIRANGA; FREITAS; PAIVA, 2010). Estudos demonstram que a Educação Empreendedora pode representar “[...] um esforço para impulsionar o espírito empreendedor, projetar instrumentos de política eficazes e, em última análise, melhorar o bem-estar da sociedade”, conforme entende Fellnhofer (2019, p. 28), em ampla pesquisa bibliométrica realizada.

Andrade Júnior e Sato (2019) apontam que a Educação Empreendedora pode contribuir para o desenvolvimento de competências e habilidades comportamentais que podem ajudar na identificação de oportunidades de negócios. Com os métodos da Educação Empreendedora que levam os estudantes a vivenciarem experiências empreendedoras reais, seria possível aprimorar as suas habilidades tornando-os mais aptos e preparados para a criação de novos empreendimentos no futuro. Andrade Júnior e Sato (2019) também citam que a Educação Empreendedora pode melhorar a capacidade de fazer análises, de resolver problemas individuais e de revelar o potencial empreendedor, cujos fatores podem impactar todas as atividades do dia a dia.

Para Oliveira, Melo e Muylder (2016, p. 37) “além do desenvolvimento do empreendedorismo tradicional, voltado para a criação, abertura e gestão de novos negócios, a Educação Empreendedora deve abranger o empreendedorismo e a inovação social, que possuem foco em alcançar também resultados e benefícios que contribuam com a esfera social, econômica e cultural”. Na visão de Dolabela e Fillion (2013), a Educação Empreendedora deve colocar o desejo de contribuir socialmente e deve aumentar mais do que antes o empreendedorismo humanitário em negócios com ou sem fins lucrativos. Andrade Júnior e Sato (2019), pontuam que a Educação Empreendedora além de ser importante para os empreendedores pode ajudar na geração de valor, tecnologia e inovação dos países.

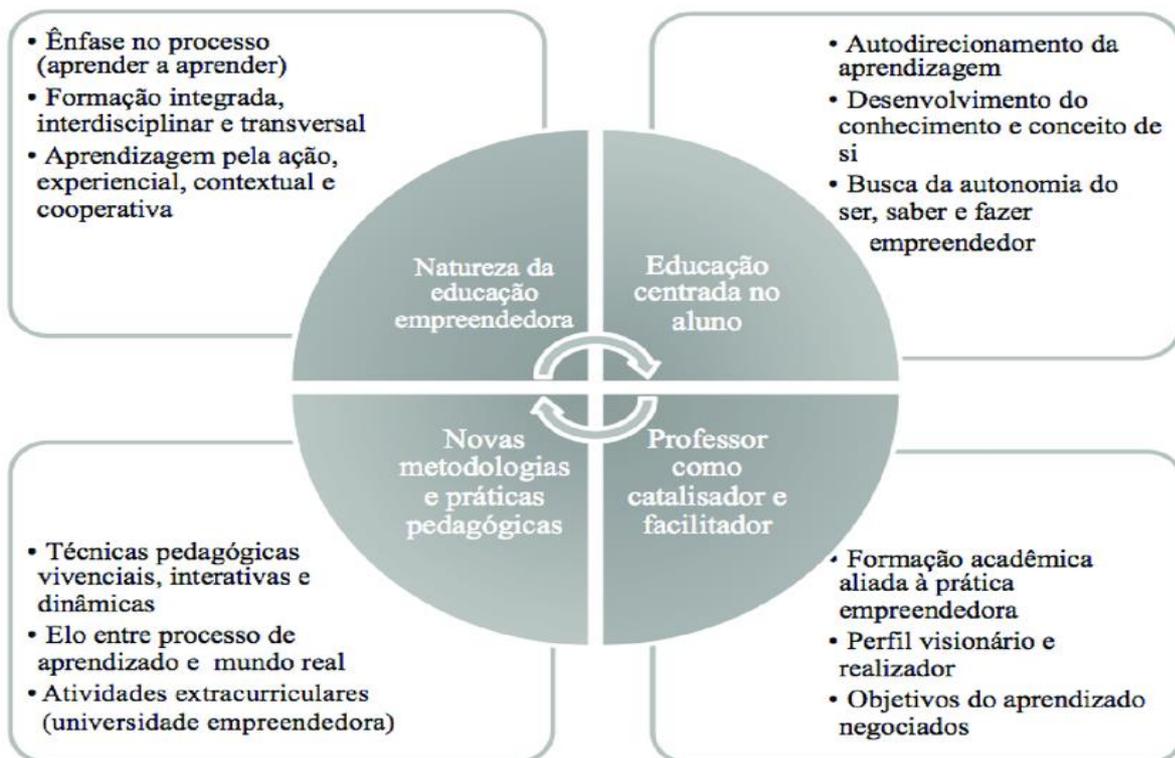
Adicionalmente, Schaefer e Minello (2016, p. 77) afirmam que “A Educação Empreendedora possui uma natureza e especificidades próprias que a distinguem dos modelos tradicionais de ensino. Sua ênfase está no processo de aprendizagem do aluno, com foco na ação e no aprender a aprender”. Na Educação Empreendedora, são utilizadas novas metodologias e instrumentos de ensino que além das lições teóricas em sala de aula vão ser aliadas também no que diz respeito às abordagens práticas, as quais permitem aos alunos ter experiências mais reais, interativas e dinâmicas (SCHAEFER; MINELLO, 2016). Os autores comentam que:

Para além das salas de aula e laboratórios práticos, a Educação Empreendedora complementa-se por meio de atividades extracurriculares como incubadoras de empresa e parques tecnológicos, empresas juniores, células empreendedoras, clubes e centros de empreendedorismo, competições e eventos relacionados às práticas empreendedoras,

parcerias com empreendedores, arranjos produtivos, cooperativas e organizações do terceiro setor, além da ligação com os centros de pesquisa e transferência de tecnologia, envolvendo desse modo as diferentes dimensões de uma instituição de ensino superior definida como universidade empreendedora (SCHAEFER; MINELLO, 2016, p. 78).

Algumas características e elementos da Educação Empreendedora podem ser conferidos na Figura 1.

Figura 1 - Características da Educação Empreendedora



Fonte: Schaefer; Minello, 2016, p. 77.

Como exposto na Figura 1, na Educação Empreendedora os professores assumem um novo papel, são facilitadores e apoiam os alunos a aprenderem novas formas de pensar, não atuando simplesmente como repositórios de conteúdos enviados aos alunos. Precisam, enfim, forjar os estudantes a pensarem como empreendedores (DOLABELA; FILION, 2013). Schaefer e Minello (2016) complementam que ao assumir esse papel, o professor combinará os objetivos do aprendizado de acordo com os desejos e metas definidos pelos alunos e que para esse novo papel é conveniente os professores terem uma formação acadêmica aliada às experiências profissionais, práticas no empreendedorismo e também possuírem um perfil visionário, sonhador e assertivo.

Convém pontuar que na leitura de Fellnhofer (2019, p. 29), empreendedorismo “[...] é um conceito mais amplo que compreende o desenvolvimento das qualidades pessoais, atitudes e habilidades cruciais para o empreendedorismo e o outro [Educação Empreendedora] é dedicado a treinamento específico para estruturação do empreendimento [...]”, daí se depreendendo a importância do papel do professor na condução cirúrgica dos procedimentos didático-pedagógicos com vistas a fomentar o espírito empreendedor dos estudantes. Nesta era digital, especialmente, novos modelos de mediação pedagógica precisam ser estruturados, à luz do contexto societário contemporâneo, notadamente em razão da forte imersão da mulher no universo empreendedor (UGHETTO et al., 2020; CRITTENDEN; CRITTENDEN; AJJAN, 2019; MELO; SILVA; ALMEIDA, 2019; BRESCOLL, 2016; BRUSH et al., 2019; WINKLER; MEDEIROS, 2012; TEIXEIRA; BOMFIM, 2016).

De acordo com Schaefer e Minello (2016), o aluno assume o papel principal no processo de aprendizagem. Como protagonista neste processo, é quem procura o conhecimento e a autodeterminação para alcançar a sua autonomia (ZHANG; WANG; OWEN, 2015), busca o saber e o fazer empreendedor, assim como procura buscar um autodirecionamento visando a desenvolver as habilidades e competências do sujeito empreendedor. O ser empreendedor não é somente um acúmulo de conhecimentos, mas um indivíduo que reúne um conjunto de valores, atitudes, comportamentos, boa capacidade de percepção de si e da realidade, acurada intuição para correr riscos, visão inovadora, senso de organização, sensibilidade para conseguir tirar proveito das situações e, também, entender e aprender com os erros, tendo resiliência diante de momentos bons ou ruins (SCHAEFER; MINELLO, 2016).

É importante destacar que os encontros científicos – regionais, nacionais e internacionais – no âmbito da Graduação e da Pós-Graduação em Administração, têm se configurado em *locus* privilegiados para a discussão do ensino do empreendedorismo no Brasil. Neste sentido, estes eventos se transformam em espaços para o avanço das discussões sobre a temática, formando uma ampla teia acadêmica que envolve a Educação Empreendedora e a Ciência da Administração desde o seu princípio (RIBEIRO; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2014). Para Rocha e Freitas (2014) a inclusão do ensino de empreendedorismo em associação com o ensino de Administração pode ser um fator positivo, já que alguns traços do perfil do empreendedor também são trabalhados na formação do perfil do administrador.

Em razão de diversas mudanças que têm ocorrido no mercado de trabalho, o novo modelo de emprego tem exigido dos indivíduos características que antes não eram cobradas e que, atualmente, são fundamentais para se alcançar os resultados que as organizações almejam. Dito isto, observa-se que a Educação Empreendedora tem importância no contexto de variados cursos e formações, e mais especificamente para o Curso de Administração (OLIVEIRA; MELO; MUYLDER, 2016). O ensino do empreendedorismo utilizando boas práticas didático-pedagógicas ajuda a formar administradores capazes de gerenciar grandes organizações, buscando inovações e formas de alcançar resultados que permitam o crescimento das empresas em que trabalham, como também com competências para abrir um empreendimento (HENRIQUE; CUNHA, 2008). Garcia et al. (2012) destacam o papel das universidades na propensão dos estudantes em constituir empresas.

Em um estudo realizado por Kalyoncuoğlu, Aydıntan e Göksel (2017) verificou-se que houve um aumento significativo nas intenções empreendedoras dos alunos que recebem a educação para o empreendedorismo, o que mostra que a educação pode aumentar o interesse de um discente universitário desenvolver o espírito empreendedor. Percebeu-se também que a Educação Empreendedora pode aumentar a perseverança, a determinação, diminuir os medos de como administrar os próprios negócios, além disso, aumenta a inovação e a ação da intenção empreendedora. Nesse sentido, Vieira et al. (2013) afirmam que:

As Instituições de Ensino Superior precisam estar voltadas para a formação de profissionais que, além do conhecimento técnico e teórico, sejam capazes de lidar com os diversos atores da sociedade, como governo, empresas, consumidores e entidades sociais. É justamente nesse ponto que a Educação Empreendedora parece surgir como solução para o desenvolvimento em vários níveis (VIEIRA et. al., 2013, p. 100).

De acordo com Lucena, Centurión e Valadão (2014) é relevante educar os profissionais da área da Administração para que, com as competências adquiridas – teórica e praticamente – tornem-se aptos a atuar de forma técnica e social, com um ponto de vista institucional nos setores da economia – indústria, comércio, serviços, agronegócio. A Educação Empreendedora tem como propósito a construção sistemática de um processo de ensino que associa teoria à prática, o qual contribui para melhorar a formação dos futuros profissionais e aspirantes a empresários. Dito isto, reconhece-se a sua relevância na formação do administrador, pois muitas características necessárias ao empreendedor também são requeridas ao administrador e, assim, a educação contribui para formar um profissional com habilidades e competências, tanto para atuar nas organizações quanto para enveredar em empreendimentos próprios.

Papel da Educação Empreendedora (EE) como Instrumento de Estímulo à Autonomia

Inobstante a sua incipiência epistemológica, reconhece-se o crescimento do interesse pela Educação Empreendedora nos últimos anos, estimulando estudos sobre novas abordagens práticas e teóricas, bem como novos métodos implementados visando à formatação do espírito empreendedor. Ultimamente, pesquisas sobre empreendedorismo avançaram em termos de visibilidade e importância, porém o tema da Educação Empreendedora ainda carece de uma discussão mais sólida, que auxilie no seu amadurecimento, norteamento e disseminação de forma mais eficaz (ROCHA; FREITAS, 2014; SCHAEFER; MINELLO, 2017).

Para que sejam definidos modelos capazes de preparar os estudantes com conhecimentos e habilidades exigidos para desenvolver a atividade empreendedora é necessário o uso apropriado de metodologias ativas de ensino-aprendizagem (SILVA; PENA, 2017; ARAÚJO; DAVEL, 2019). Filion e Lima (2010) notaram que o indivíduo empreendedor deve ser preparado para a ação e que suas características e necessidades de formação exigem particularidades no sistema de ensino voltado à ação empreendedora (FILION; LIMA, 2010; SCHAEFER; MINELLO, 2019).

Mesmo reconhecendo que “A maioria dos programas de nível universitário são destinados para aumentar a consciência empreendedora e preparar os aspirantes a empreendedores” (BAE et al., 2014), é importante destacar o que defende Dolabela (2003), para quem a Educação Empreendedora deve iniciar nos primeiros anos da educação básica, precisamente porque é o período em que se inicia a formação da cultura do indivíduo, a qual tem o poder de induzir ou inibir a capacidade empreendedora. Para isso, Dolabela e Filion (2013) destacam que é necessário haver uma mudança radical em relação aos métodos tradicionais de ensino, havendo uma aprendizagem centrada no aluno, ao invés de ser no professor, promovendo o protagonismo do aluno, o qual será capaz de pensar e agir de modo independente e proativo.

O relevo e a repercussão pragmática da Educação Empreendedora se desvela na medida em que enfoca a experiência como uma vivência, na qual o indivíduo interage com o meio em que está inserido, desenvolvendo habilidades pessoais, aprendendo com as suas ações e participando de situações do cotidiano, tornando-se uma pessoa melhor, mais assertiva, detentora de domínios decisórios e competente. Na prática mediada pelo professor, para além da mera transposição didática, será possível ao graduando apreender novos significados, compreender a dinâmica concorrencial, atentar-se para os modelos comerciais e estratégicos utilizados pelas empresas, assimilar a importância da ética no contexto empresarial, reconhecer novas formas de entender o público-alvo, desenvolver novas possibilidades e oportunidades de negócio, desconstruir paradigmas econômicos, construir modelos mentais avançados e conectados com a Era Digital, atentar para a engenharia social que se estabelece no espectro empreendedor, evoluir com a intensidade e com a densidade das simulações, criar consciência sobre os desafios que precisam ser enfrentados, assumir riscos inerentes aos projetos elaborados, imergir com ousadia e destemor no mundo dos negócios, entre outros aspectos conectados com a atitude empreendedora.

Considerando esta concepção de experiência, os estudantes podem ter uma compreensão mais ampla, em que o empreendedorismo envolve os negócios e a vida para além dos negócios. Ou seja, a experiência ultrapassa as simulações e experimentos controlados em sala de aula. Esta apreensão ajuda a avançar no entendimento do ensino e da aprendizagem do empreendedorismo. (ARAÚJO; DAVEL, 2019). Segundo Schaefer e Minello (2020) na Educação Empreendedora o aluno é quem desenvolve as ações, tomando suas próprias atitudes. Ao invés de esperar só pelo professor, o aluno tem toda autonomia para realizar atividades a partir de estratégias didáticas culminadas com a adoção de práticas prototipadas.

Com efeito, por meio da aprendizagem experiencial, da resolução de problemas, do incentivo à idealização, da participação em desafios e da convivência em contínuos processos de ação e de reflexão pela experiência vivenciada, o aluno constantemente é encorajado a assumir responsabilidades e autogerir a sua formação (SILVA; PENA, 2017). Neste percurso, os alunos passam a desenvolver a própria autonomia, descobrir naturalmente as suas tendências, interesses e inclinações. Segundo os resultados obtidos no estudo conduzido por Schaefer e Minello (2020), é considerável como prioridade no processo de aprendizagem que o aluno aprenda por si só, que no processo de aprendizagem o professor opte por sempre deixar que o aluno chegue às suas próprias conclusões, ao invés de dar as respostas diretamente a eles. Sem dúvida, isto faz com que os alunos coloquem em prática a sua criatividade, seja por meio de atividades, dinâmicas ou discussões em sala de aula, alcançando as respostas pelo próprio entendimento e mérito.

Andrade Junior e Sato (2019) mencionam que a Educação Empreendedora pode possibilitar um aumento da capacidade analítica e da resolução de problemas do indivíduo e potencial futuro empreendedor, as quais podem impactar em todas as suas atividades diárias, como na gestão do orçamento familiar. Segundo Barbosa et al. (2020) a Educação Empreendedora promove a criatividade e a aprendizagem, torna os empreendedores capazes de usar o conhecimento existente para abordar os problemas e, conseqüentemente, encontrar diferentes soluções. É esperado que empreendedores possuam um comportamento mais individualista, tendo em vista que, muitas vezes, operam com menos acesso à proteção legal e com pouca margem financeira, devido à limitação de recursos (BARBOSA et.al. 2020).

Segundo Lizote et. al (2020), é preciso formar pessoas que sejam mais autônomas, criativas e capazes de liderar a partir do desenvolvimento de suas competências. Barbosa et al. (2020), por sua vez, enfatizam que quando a Educação Empreendedora promove a criatividade dos estudantes, torna-os capazes de usar o conhecimento existente para abordar os problemas e, conseqüentemente, encontrar diferentes soluções. Para Marcon, Silveira e Frizon (2021), a atitude a respeito do comportamento empreendedor refere-se ao grau em que a pessoa realiza uma avaliação positiva ou negativa do comportamento.

Assim, de acordo com Sousa (2020), uma atitude favorável estará associada a uma maior intenção de agir, ou seja, a propensão ao empreendedorismo tem estreita relação com o estímulo promovido e, também, com o desejo do sujeito em realizar uma reversão da situação, por meio de um comportamento ativo e assertivo e esta possibilidade, conforme apontam os estudos de Cortez e Veiga (2019), pode ser construída em qualquer campo do conhecimento, não apenas na área da Administração.

Procedimentos Metodológicos

O presente estudo foi desenvolvido com o objetivo de descrever como os alunos dos períodos 7º e 8º e os egressos do Curso de Administração do *Campus* Amílcar Ferreira Sobral, instalado na cidade de Floriano, percebem e avaliam a Educação Empreendedora no processo de formação acadêmica. A ideia central é desvelar como estes alunos caracterizam e definem a relação ensino-aprendizagem no contexto do empreendedorismo.

A opção por pesquisar os discentes dos dois últimos períodos letivos do Curso (Bacharelado com 4 anos de duração) e de um grupo de egressos se justifica face à disciplina Empreendedorismo, com carga horária de 90 (noventa) horas, ser ofertada no 7º período do Curso de Administração e, portanto, o público-alvo do estudo já teria maturidade para apreender a dinâmica da disciplina, compreender as estratégias de mediação pedagógica e uma possível propensão ao empreendedorismo.

A pesquisa tem abordagem quantitativa e natureza descritiva. Para Richardson (2010, p. 146), um estudo descritivo, com o uso da técnica de levantamento, tem “[...] o propósito de fazer afirmações para descrever aspectos de uma população ou analisar a distribuição de determinadas características ou

atributos”. Cooper e Schindler (2011, p. 153) afirmam que o objetivo de um estudo desta natureza é descrever “[...] fenômenos ou características associadas com a população-alvo”.

Como instrumento de coleta dos dados, em razão da permanência da COVID-19 que implicou no isolamento social e, portanto, na realização das atividades acadêmicas apenas por meio de canais remotos, impedindo que as entrevistas fossem realizadas de forma presencial, o presente estudo utilizou a ferramenta *Google Forms*, com o uso da Escala de Intensidade Likert de 5 pontos, sendo: 1 para Discordo Totalmente; 2 para Discordo Parcialmente; 3 para Indiferente/neutro; 4 para Concordo Parcialmente, e 5 para Concordo totalmente.

O marco analítico é composto 4 constructos, assim dividido: a) Noções de Empreendedorismo (com 6 variáveis); b) Perfil Empreendedor (com 8 variáveis); c) Educação Empreendedora (com 7 variáveis), e d) Ensino de Empreendedorismo (com 11 variáveis), totalizando 32 afirmações, sendo 29 assertivas submetidas à análise de intensidade e 3 assertivas sob condição dicotômica (questão fechada).

A pesquisa de campo foi realizada no período de abril a agosto de 2021, com 29 alunos do 7º período, 23 alunos do 8º período e 141 egressos do mencionado curso, estes formados a partir do período letivo 2017.1 conforme o Quadro 2.

Quadro 2 – Participantes da pesquisa

Período letivo	Contingente	Respondentes	Taxa de resposta
7º (2020.2 – Ensino Remoto)	29	13	44,82%
8º (2020.2 – Ensino Remoto)	23	7	30,43%
Egressos (a partir do período 2017.1)	141	23	16,31%
Números agregados	193	43	22,27%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Importa mencionar que o estudo é composto por uma amostra por conveniência e não probabilística e que todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, o qual capeou o formulário encaminhado, ocasião em que foi apresentado e explicado aos participantes o propósito do estudo, de cunho meramente acadêmico, sendo assegurado o sigilo das respostas.

Análise, Interpretação e Contribuição dos Achados

Com o propósito de desvelar como percebem e como avaliam a Educação Empreendedora no processo de formação acadêmica e em que medida esta relação ensino-aprendizagem pode contribuir na decisão pessoal em empreender, os autores construíram algumas assertivas, que estão dispostas no Quadro 3.

Quadro 3 – Respostas ao questionário

NOÇÕES DE EMPREENDEDORISMO					
ASSERTIVAS	DT	DP	N	CP	CT
O insucesso pode levar a uma oportunidade valiosa para o aprendiz do empreendedor levando-o a obter informações e conhecimento	7,0%	0%	2,3%	46,5%	44,2%
O empreendedorismo contribui para a sociedade em aspectos sociais, culturais e econômicos.	4,7%	0%	0%	2,3%	93,0%
É fato conhecido que empreendedores que não possuem nenhum conhecimento prévio em gestão têm mais dificuldades para gerir suas empresas.	11,6%	7,0%	2,3%	44,2%	34,9%

Empreendedores criam valor para a sociedade.	4,6%	0%	0%	14%	81,4%
No Brasil há muitos produtos, serviços de baixa qualidade e <i>nichos</i> que ainda não foram explorados. Este cenário é estimulante para quem deseja empreender.	7,0%	7,0%	0%	18,6%	67,4%
Ser empreendedor é só abrir uma empresa.	Sim	Não	Não Sei Responder		
	2,3%	97,7%	0%		
PERFIL EMPREENDEDOR					
ASSERTIVAS	DT	DP	N	CP	CT
É desejável que o futuro empresário possua determinadas qualidades pessoais que possam tornar todo o processo muito mais fácil, ou seja, estar ligado, atento, ser perceptivo e ter a sensibilidade para perceber significados escondidos em nuances e detalhes, seja nos números ou no comportamento das pessoas.	4,7%	2,3%	4,7%	23,2%	65,1%
Quando o empreendedor decide abrir o seu próprio negócio, deixando de ser funcionário (CLT ou serviço público), é um indicativo de que esta pessoa está buscando mais autonomia para ter tempo livre e realizar outras atividades.	18,6%	16,3%	4,7%	37,2%	23,2%
O povo brasileiro é reconhecido por ser muito criativo e esta característica pode contribuir para o desenvolvimento da atitude empreendedora.	4,7%	2,3%	0%	34,9%	58,1%
Empreendedores são visionários, cultivam a imaginação e aprendem a definir visões. Também são otimistas e apaixonados pelo que fazem, sonhadores realistas que traduzem pensamentos em ação.	4,7%	2,3%	0%	32,5%	60,5%
A pessoa já nasce com o dom de empreender ou essa característica é desenvolvida com o tempo, paulatinamente aprimorada, inclusive nas universidades.	11,9%	7,1%	11,9%	42,9%	26,2%
Ser empreendedor é a sua principal vontade ao terminar a Graduação.	16,3%	7,0%	18,6%	34,9%	23,2%
Eu já atuo no segmento empreendedor.	Sim	Não	Não Sei Responder		
	35,9%	64,1%	0%		
Eu me considero uma pessoa empreendedora.	Sim	Não	Não Sei Responder		
	62,8%	32,5%	4,7%		
EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA					
ASSERTIVAS	DT	DP	N	CP	CT
A Educação Empreendedora pode contribuir para tornar o Brasil uma nação mais competitiva, se comparada aos grandes centros desenvolvidos mundiais.	4,7%	2,3%	2,3%	25,6%	65,1%
A Educação Empreendedora é relevante na formação acadêmica dos administradores.	4,7	0%	2,3%	14,0%	79,0%
A Educação Empreendedora deve abranger o empreendedorismo e a inovação social, que possuem foco em alcançar também resultados e benefícios que contribuam com a esfera social, econômica e cultural.	4,7%	2,3%	0%	14,0%	79,0%
A implementação da Educação Empreendedora no Curso de Administração desenvolve nos alunos uma vontade de ser empreendedor.	4,7%	2,3%	7,0%	44,2%	41,8%

A Educação Empreendedora favorece o desenvolvimento de competências e habilidades como capacidade de análise, de inovar, de correr risco, de identificar oportunidades.	4,7%	0%	0%	32,5%	62,8%
A Educação Empreendedora desenvolvida no Curso de Administração contribui para se ter maior êxito tanto na administração de negócios já existentes, quanto na possibilidade para criar um novo negócio.	7,0%	0%	0%	58,1%	34,9%
Quando se fala em Educação Empreendedora, a relação entre teoria e prática precisa ser desenvolvida e estimulada visando a inspirar o aluno a desejar empreender.	4,7%	2,3%	0%	14,0%	79,0%
ENSINO DE EMPREENDEDORISMO					
ASSERTIVAS	DT	DP	N	CP	CT
“O mercado é a melhor escola” e que “é na prática que se aprende”.	7,0%	18,6%	9,3%	41,9%	23,2%
A inclusão da disciplina de Empreendedorismo no Curso de Administração contribui para a formação de profissionais mais preparados para o mercado de trabalho.	4,7%	2,3%	2,3%	25,6%	65,1%
A experiência prática é uma importante fonte de aprendizado, mas os cursos de Graduação e de Pós-graduação também podem ser considerados indutores do espírito empreendedor.	4,7%	0%	9,3%	27,9%	58,1%
A dinâmica, os ensinamentos e as informações apreendidas na disciplina Empreendedorismo têm a ver com experiências, técnicas e metodologias utilizadas em empresas de verdade.	4,7%	4,7%	9,3%	41,8%	39,5%
A participação dos estudantes em Projetos de Pesquisa e de Extensão podem acelerar o desejo de empreender.	4,7%	2,3%	7,0%	34,9%	51,1%
A Graduação se torna um diferencial na hora de pensar em abrir uma empresa.	4,7%	11,6%	2,3%	25,6%	55,8%
A utilização de técnicas de ensino que propiciem uma vivência prática ao estudante, aliada à base teórica, aumenta a intenção em empreender.	4,7%	0%	4,7%	23,2%	67,4%
A disciplina de Empreendedorismo despertou em você a intenção em ser empreendedor.	9,3%	0%	2,3%	44,2	44,2%
Depois de cursar a disciplina de empreendedorismo você considera que adquiriu competências e/ou habilidades relacionadas ao empreendedorismo.	7,0%	9,3%	2,3%	32,6%	48,8%
O professor de Empreendedorismo precisa ter formação acadêmica aliada às experiências profissionais, precisa possuir práticas no empreendedorismo e também ter um perfil visionário e sonhador.	4,7%	4,7%	0%	23,2%	67,4%
O ensino de Empreendedorismo deve ser inserido em todos os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação.	4,7%	2,3%	2,3%	11,6%	79,1%

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Legenda: DT=Discordo totalmente; DP=Discordo Parcialmente; N=Neutro; CP= Concordo parcialmente; CT=Concordo totalmente.

Considerando as posições expressas no Quadro 3, é possível perceber que no que remete ao constructo Noções de Empreendedorismo, uma significativa maioria (acima de 80% das respostas), com exceção da variável “É fato conhecido que empreendedores que não possuem nenhum conhecimento prévio em

gestão têm mais dificuldades para gerir suas empresas” com um percentual total (Concordo Parcialmente + Concordo Totalmente) de 79,1%, apresenta conhecimento sobre os principais pontos relativos a uma mínima percepção sobre o que vem a ser o empreendedorismo. É importante pontuar que para 97,7% dos participantes, ser empreendedor não apenas abrir uma empresa, pois tal condição esboça uma ampla teia de conhecimento, habilidades, atitudes e comportamentos. As respostas sinalizam que os participantes têm noção do que vem a ser empreendedorismo em seu contexto social, econômico e cultural, em reforço aos estudos feitos por Lopes (2014) e a partir da concepção de Zhang, Wang e Owen, (2015), para quem o esforço pedagógico constitui um meio eficaz no encaminhamento dos jovens a pensarem na atividade empreendedora como uma forma legítima de autonomia pessoal e profissional.

Em relação ao construto Perfil Empreendedor, cujas assertivas vinculadas têm o propósito de averiguar o quanto os participantes têm afinidade com a atitude empreendedora e em que grau há de fato interesse em empreender (no presente ou no futuro), foi possível constatar que mais de 58% das respostas sinalizam uma proximidade do respondente com a iniciativa empreendedora, significando que, no âmbito do Curso de Administração e realizando uma Graduação em um Estado cujo perfil econômico é essencialmente voltado para o comércio e para o serviço, hipoteticamente há uma tendência que os participantes empreendem. Perguntados se “Ser empreendedor é a sua principal vontade ao terminar a Graduação”, as respostas foram as seguintes: 16,3% para Discordo Totalmente; 7,0% para Discordo Parcialmente; 18,6% se mostraram neutros; 34,9% afirmaram que Concordam Parcialmente e 23,2% Concordam Totalmente. Assim, 58,1% sinalizam a possibilidade de empreender, sendo que alguns dos respondentes já são Bacharéis em Administração. Esta condição reforça as análises feitas por Paiva, Lima e Rebouças (2021), Garcia et al. (2012) e Vieira et al. (2013) quanto à percepção dos estudantes em decidirem, autonomamente, como encaminhar o seu destino a partir de ensinamentos pautados em possibilidades reais de sucesso.

No que se refere ao terceiro constructo – Educação Empreendedora – todas as assertivas obtiveram, nas opções Concordo Parcialmente e Concordo Totalmente, percentuais acima de 86%, com elevada significância para a afirmação “A Educação Empreendedora favorece o desenvolvimento de competências e habilidades como capacidade de análise, de inovar, de correr risco, de identificar oportunidades”, a qual alcançou o percentual de 95,3% de respostas. Este percentual sugere o reconhecimento que os estudantes têm sobre a relevância da Educação Empreendedora no contexto formativo do administrador contemporâneo, mesmo porque, como visto, o empreendedorismo é uma característica típica do Brasil e, em especial, do Estado do Piauí. As posições se coadunam com os estudos de Kuratko (2005), Guimarães e Santos (2020), Holoviak, Ulrich e Cole (1990), e Matos et al. (2020), os quais destacam o papel da Educação Empreendedora quanto à incorporação de atributos pertinentes ao segmento no processo de ensino-aprendizagem, assim como se torna uma ponte que contribui para o alcance da independência profissional daqueles que decidem atuar na atividade.

Ainda no que remete ao terceiro constructo, a assertiva que obteve o menor percentual de respostas positivas dentre as variáveis dispostas foi “A implementação da Educação Empreendedora no Curso de Administração desenvolve nos alunos uma vontade de ser empreendedor”, com 86,0% das respostas (CP+CT). Pelo conjunto das respostas, com percentuais elevados, como mencionado, é possível aferir que a Educação Empreendedora no Curso de Administração contribui/contribuiu para a formação do espírito empreendedor dos estudantes (WERLANG; FAVRETTO; FLACH, 2017; ROCHA; FREITAS (2014), buscando reforçar a convicção de que empreender é uma forma alternativa de decidir pela trajetória profissional e pessoal, muito limitada, no passado, a ideias exclusivamente centradas na realização de concursos públicos.

Por fim, analisando o constructo Ensino de Empreendedorismo, pôde-se constatar que a assertiva “O mercado é a melhor escola” e que “é na prática que se aprende” foi a que recebeu o menor percentual de aceitação (65,1%), considerando Concordo Parcialmente com Concordo Totalmente, indicando que a

educação formal ainda é, na ótica dos pesquisados, o melhor caminho para uma formação sólida, capaz de desenvolver no futuro administrador as condições necessárias para o desempenho eficaz e eficiente da profissão, ampliando, portanto, as oportunidades de atuar no segmento empreendedor. Quanto à negação total (DT), a assertiva “A disciplina de Empreendedorismo despertou em você a intenção em ser empreendedor” recebeu 9,3% das respostas, enquanto que, para a mesma afirmação, 88,4% dos respondentes consignaram afirmativamente. Com 79,1% das respostas, a assertiva “O ensino de Empreendedorismo deve ser inserido em todos os Projetos Pedagógicos dos Cursos de Graduação” foi a que obteve o maior percentual na alternativa Concordo Totalmente, sugerindo a importância do tema na formação de qualquer estudante de nível superior.

De uma forma geral, as posições contidas nas respostas dos quatro constructos indicam que os graduandos, assim como os egressos do Curso de Administração, entendem que os debates sobre o empreendedorismo na formação acadêmica constituem um fato inegável de fomento ao espírito empreendedor, assim como uma forma de melhor preparar os futuros administradores para atuar no campo com condições técnicas, teóricas e práticas capazes de torná-los diferenciados e destacados no contexto do mercado. A propensão ao empreendedorismo, então, estabelece-se a partir da conformação de procedimentos didáticos capazes de estimular a apreensão dos estudantes, permitindo que eles percebam, por si só e via fluxo natural, a relevância do empreendedorismo no contexto societário.

Considerações Finais

O presente estudo desenvolveu uma pesquisa de campo discutindo a importância da Educação Empreendedora na perspectiva do discente e do egresso do Curso de Administração de uma Universidade Federal, de um *campus* localizado no interior do Piauí. A ideia se apoiou na percepção de que os brasileiros, naturalmente, têm propensão ao empreendedorismo, tendo em vista que pelo menos 1/3 deles está envolvido com algum tipo de empreendimento – MEI EPP, ME.

O objetivo da pesquisa foi descrever como os estudantes e os egressos de Administração percebem e avaliam a Educação Empreendedora no processo de formação acadêmica e em que medida esta relação ensino-aprendizagem pode contribuir na decisão em empreender. Para atender ao objetivo proposto, realizou-se uma pesquisa de abordagem quantitativa, de natureza descritiva, com a aplicação de um *survey* (via *Google Forms*), com a utilização da Escala de Intensidade Likert, de 5 pontos. A partir das assertivas sugeridas, distribuídas entre quatro constructos que reuniram o conjunto dos pontos mais relevantes para descrever e analisar a percepção e a avaliação dos participantes, foi possível desvelar que a grande maioria dos respondentes afirma a importância da Educação Empreendedora em seu processo formativo, contribuindo para o desenvolvimento da profissão de administrador.

Adicionalmente, constatou-se que afirmações como “A utilização de técnicas de ensino que propiciem uma vivência prática ao estudante, aliada à base teórica, aumenta a intenção em empreender”, “A disciplina de Empreendedorismo despertou em você a intenção em ser empreendedor” e “Depois de cursar a disciplina de empreendedorismo você considera que adquiriu competências e/ou habilidades relacionadas ao empreendedorismo” obtiveram percentuais elevados, na ótica dos participantes, reforçando, portanto, a necessidade de que o tema empreendedorismo seja intensificado nos Cursos de Graduação de uma forma geral, conforme afirmam 90,7% dos respondentes.

Portanto, ficou evidenciado na amostra em estudo que a Educação Empreendedora constitui um fator relevante na formação do profissional de Administração. Além disso, foi possível revelar que os professores da disciplina empreendedorismo têm um importante papel no contexto formativo do estudante, seja no que remete à capacidade teórica, às habilidades no trato explicativo dos exemplos reais, às técnicas aplicadas, ao domínio do assunto e à mediação pedagógica que adota para estimular os

discentes a pensarem nas possibilidades de empreender, seja no permanente estímulo para que os discentes apreendam o valor do tema em sua dimensão acadêmico-profissional.

Desta forma, a atitude do professor é determinante no desenvolvimento da propensão ao empreendedorismo dos estudantes, razão pela qual se reconhece a importância do tema no contexto não apenas do Ensino Superior, mas mesmo no Ensino Médio, espaço em que os jovens já começam a esboçar o interesse em ter o próprio negócio. O papel do professor, portanto, é de mediador, de conciliador, e de cativador, acima de tudo, a fim de que, por meio das estratégias pedagógicas adotadas e adaptadas à realidade digital impregnada no ambiente acadêmico, desenvolva no corpo discente o desejo de atuar no universo empreendedor.

O estudo evidenciou, também, que a maioria dos participantes reconhece que tem o perfil desejado do sujeito empreendedor, a partir do envolvimento com a disciplina de empreendedorismo. Importa mencionar que para além da educação formal na universidade, o empreendedorismo requer o elemento comportamental para permitir a realização dos projetos de vida, isto é, a atitude do candidato a empreendedor é um ingrediente indispensável à execução da ideia ou da oportunidade percebida, precisando, portanto, atuar ativamente na consecução da proposta de criação de um negócio, uma empresa, um produto, um serviço, uma performance.

O presente estudo contém limitações. Pode-se apontar o caráter essencialmente quantitativo da pesquisa, recomendando-se, portanto, uma abordagem qualitativa, uma vez que esta pode desvelar outras características e sentimentos não presentes em uma pesquisa puramente quantitativa. A abordagem qualitativa tem como fator de destaque a análise de situações com profundidade, facilitando a compreensão da percepção e da avaliação dos estudantes e dos egressos de Administração no que se refere à Educação Empreendedora, explorando o fenômeno em toda as suas dimensões.

Para futuras pesquisas, recomenda-se a continuidade dos estudos do campo envolvendo um contingente maior de participantes. Além disso, convém trazer para o contexto da pesquisa estudantes de outros Cursos de Graduação, considerando que muitos PPC – Projeto Pedagógico do Curso, das Ciências Humanas, Ciências Tecnológicas, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, etc., já contêm a disciplina empreendedorismo na matriz curricular, manifestando, assim, o interesse dos cursos no estímulo dos graduandos ao universo empreendedor.

Referências

- ANDRADE JÚNIOR, Daniel L. I.; SATO, Camila Y. Influência da Educação Empreendedora na Identificação de Oportunidades de Negócios. **Revista de Administração IMED**, Passo Fundo, v. 9, n. 2, p. 3-24, dez., 2019.
- ARAÚJO, Gracyanne.; DAVEL, Eduardo. Educação Empreendedora pela Experiência: O Caso do Festival de Artes Empreendedoras em Itabaiana. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 8, n. 1, p. 176-200, set., 2018.
- ARAÚJO, Maria H.; LAGO, Rochel M.; OLIVEIRA, Luiz C. A.; CABRAL, Paulo R. M.; CHENG, Lin Chih; FILION, Louis J. O estímulo ao empreendedorismo nos cursos de química: formando químicos empreendedores **Química Nova**, v. 28, suppl.0 São Paulo, p. 1-8, nov./dez., 2005.
- ARNOLD, Aaron. Being alert: bridging theory and practice in public sector entrepreneurship. **International Journal of Public Sector Management**, v. 32, n. 7, p. 706-720, out., 2019.
- BAE, Tae J.; QIAN, Shanshan; MIAO, Chao; FIET, James O. The relationship between entrepreneurship education and entrepreneurial intentions: A metanalytic review. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, n. 2, p. 217-254, mar., 2014.
- BARBOSA, Raul. A. P.; SILVA, Eliane. A.; GONÇALVES, Fernando. H. L.; MORAIS, Fábio. R. O Impacto da Educação Empreendedora na Intenção de Empreender: Análise dos Traços de Personalidade. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 9, n. 1, p. 124-158, jan., 2020.

- BARRAL, Maria R.; RIBEIRO, Felipe G.; CANEVER, Mario D. Influência do ambiente universitário na intenção empreendedora em universidades públicas e privadas. **RAUSP Management Journal**, v., 53, n.1, p. 122-133. 2018..
- BRESCOLL, Victoria L. Leading with their hearts? How gender stereotypes of emotion lead to biased evaluations of female leaders. **The Leadership Quarterly**, v. 27 n. 3, p. 415–428, 2016.
- BRUSH, Candida; EDELMAN, Linda F.; MANOLOVA, Tatiana; WELTER, Friederike. A gendered look at entrepreneurship ecosystems. **Small Business Economics**, v. 53, n. 2, p. 393–408, ago., 2019.
- BURG, Elco van; ROMME, A. G. L. Creating the future together: Toward a framework for research synthesis in entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, n. 2, p. 369-397, mar., 2014.
- CARMO, Luana J. O.; ASSIS, Lilian B.; GOMES JÚNIOR, Admardo B.; TEIXEIRA, Marcella B. M. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 18-31, jan./mar., 2021.
- COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. **Métodos de pesquisa em Administração**. 10. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.
- CORTEZ, Pedro A.; VEIGA, Heila M. S. Intenção empreendedora na universidade. **Ciencias Psicológicas**, Uruguai, v. 13, n. 1, p. 134-149, maio, 2019.
- COSTA, Alessandra M.; BARROS, Denise F.; MARTINS, Paulo E. M. Alavanca que move o mundo: o discurso da mídia de negócios sobre o capitalismo empreendedor. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, artigo 6, p. 357-375, jun., 2012.
- CRITTENDEN, Victoria L.; CRITTENDEN, William F.; AJJAN, Haya. Empowering women micro-entrepreneurs in emerging economies: The role of information communications technology. **Journal of Business Research**, n. 98, p. 191–203, maio, 2019.
- DOLABELA, Fernando; FILION, Louis J. Fazendo revolução no Brasil: a introdução da pedagogia empreendedora nos estágios iniciais da educação. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 3, n. 2, p. 134-181, mai./ago., 2013.
- FELLNHOFER, Katharina. Toward a taxonomy of entrepreneurship education research literature: A bibliometric mapping and visualization. **Educational Research Review**, n. 27, p. 28–55, jun., 2019.
- FILION, Louis J.; LIMA, Edmilson. As representações empreendedoras: importantes temas para avançar em seus estudos. **Revista de Negócios**, v. 15, n. 2, p. 32-52, abr., 2010.
- FILION, Louis J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. **RAUSP – Revista de Administração USP**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 5-28, abr./jun., 1999.
- GARCIA, Renato; ARAÚJO, Veneziano; MASCARINI, Suelene; SILVA, Andrea O.; ASCÚA, Ruben. Empreendedorismo acadêmico no Brasil: uma avaliação á criação de empresas por alunos universitários. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 1, n. 3, p. 36-63, set./dez., 2012.
- GREATTI, Ligia; PREVIDELLI, José. J. Perfis empreendedores: análise comparativa das trajetórias de sucesso e do fracasso empresarial no município de Maringá-PR. In.: ENANPAD, 28, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ANPAD, 2004.
- GUIMARÃES, Amanda F.; SANTOS, Rejane H.; FERREIRA, Marcia R.; BORGES, William A. Empreendedorismo como campo polissêmico: um contraponto ao reducionismo do mainstream econômico. **CAdm – Caderno de Administração**, Maringá, v. 2, n. 1, p. 151-167, jan./jun., 2021.
- GUIMARÃES, Jairo C.; SANTOS, Ildamara F. Educação Empreendedora: a prática docente estimulando a mente do estudante. **RPCA – Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr./jun., 2020.
- HENRIQUE, Daniel C. CUNHA, Sieglinde K. Práticas didático-pedagógicas no ensino de empreendedorismo em cursos de graduação e pós-graduação nacionais e internacionais. **RAM– Revista de Administração Mackenzie**, v. 9, n. 5, p. 112-136, set./out., 2008.
- HOLOVIK, Stephen J.; ULRICH, Thomas A.; COLE, George S. Training entrepreneurs. **Performance Improvement**, v. 29, n. 10, p. 27-31, nov./dez., 1990.
- IPIRANGA, Ana S. R.; FREITAS, Ana A. F.; PAIVA, Thiago A. O empreendedorismo acadêmico no contexto da interação universidade–empresa–governo. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 4, p. 687-693, dez., 2010.
- KALYONCUOĞLU, Selma; AYDINTAN, Belgin; GÖKSEL, Aykut. The Effect of Entrepreneurship Education on Entrepreneurial Intention: An Experimental Study on Undergraduate Business Students. **Journal of Management Research**, v. 9, n. 3, p.72-91, jul., 2017.

- KURATKO, Donald F. The emergence of entrepreneurship education: Development, trends, and challenges. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 29, n. 5, p. 577-597, set., 2005.
- LANDSTRÖM, Hans; HARIRCHI, Gouya. The social structure of entrepreneurship as a scientific field. **Research Policy**, v. 47, n. 3, p. 650-662, abr. 2018.
- LIZOTE, Suzete. A.; MIRANDA, Adriane. L.; SILVA, Samantha. G.; GOHN, Caroline. Competências Empreendedoras: Um Estudo com Discentes do Ensino Médio. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 11, n. 3, p. 27-46, set./dez., 2020.
- LOPES, Cristina L. J. Educação Empreendedora: Um estudo do Projeto Empreendedorismo 10.0 aplicado aos alunos do Curso Técnico em Informática. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 39-44, jan./jun., 2014.
- LUCENA, Rosivaldo L.; CENTURIÓN, Wanusa C.; VALADÃO, José A. D. Contribuições da pedagogia freireana na formação de administradores empreendedores. **RPCA – Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 8, n. 1, p. 1-16, jan./mar., 2014.
- MARCON, Déborah. L.; SILVEIRA, Amélia.; FRIZON, Jucélia. A. Intenção Empreendedora e a Influência das Teorias do Comportamento Planejado e dos Valores Humanos. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 12, n. 1, p. 178-204, jan/abr., 2021.
- MATOS, Carolina M. F.; LIZOTE, Suzete A.; TESTON, Sayonara F.; ZAWADZKI, Patrick; GUERRA, Maria Cristina A. G. Entrepreneurial education influence on the development of self-efficacy and entrepreneurial competences. **Revista de Administração da UFSM**, Santa Maria, v. 13, Edição Especial Ecoinnovar, p. 1551-1570, 2020.
- McCLELLAND, David C. **The Achieving Society**. Connecticut, USA: Martino Publishing, 2010.
- MELO, Felipe N. B.; SILVA, Rafael R.; ALMEIDA, Tatiane N. V. Gênero e Empreendedorismo: um estudo comparativo entre as abordagens *Causation* e *Effectuation*. **Brazilian Business Review**, v. 16, n. 3, p. 273-296, maio/jun., 2019.
- MORAIS, Mateus C. A.; MATOS, Karina F. S.; MENDES, Wesley A.; MAGALHÃES, Fernanda G. G. P. O discurso do empreendedorismo e sua aplicação social: Uma reflexão a partir da realidade das pessoas com deficiência. **Revista Eletrônica Multidisciplinar FACEAR**, v. 3, ano 5, n. 1, p. 1-18, dez., 2016.
- OLIVEIRA, Anna G. M.; MELO, Marlene C., O. L.; MUYLDER, Cristiana F. Educação Empreendedora: O Desenvolvimento do Empreendedorismo e Inovação Social em Instituições de Ensino Superior. **Revista Administração em Diálogo – RAD**, v. 18, n. 1, p. 29-56, jan/abr., 2016.
- O'REILLY, Noel M.; ROBBINS, Peter; SCANLAN, John. Dynamic capabilities and the entrepreneurial university: a perspective on the knowledge transfer capabilities of universities. **Journal of Small Business & Entrepreneurship**, v. 31, n. 3, p. 243-263, 2019.
- PAIVA, Luis E. B.; LIMA, Tereza C. B.; REBOUÇAS, Sílvia M. D. P. Intenção empreendedora entre universitários brasileiros e portugueses. **REUNA**, Belo Horizonte - MG, Brasil, v. 26, n. 1, p. 43-61, jan./mar., 2021.
- PASSARO, Renato; QUINTO, Ivana; THOMAS, Antonio. The impact of higher education on entrepreneurial intention and human capital. **Journal of Intellectual Capital**, v. 19, n. 1, p. 135-156, jan., 2018.
- PAULA NETO, Alcielis; EMMENDOERFER, Magnus L.; CORRÊA, Stella C. H. Diretrizes de Educação para o Empreendedorismo no Setor Público: A perspectiva das escolas de governo. **Contabilidade, Gestão e Governança**, v. 23, n. 3, p. 405-423, nov., 2020.
- RIBEIRO, Ricardo L.; OLIVEIRA, Edson A. A. Q.; ARAUJO, Elvira A. S. A contribuição das instituições de ensino superior para a Educação Empreendedora. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v. 10, n. 3 (número especial), p. 295-313, set., 2014.
- RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- ROCHA, Estevão L. C.; FREITAS, Ana A. F. Avaliação do Ensino de Empreendedorismo entre Estudantes Universitários por meio do Perfil Empreendedor. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, v. 18, n. 4, p. 465-486, jul./ago., 2014.
- ROSCA, Eugenia; AGARWALB, Nivedita; BREM, Alexander. Women entrepreneurs as agents of change: A comparative analysis of social entrepreneurship processes in emerging markets. **Technological Forecasting & Social Change**, n. 157, p. 1-12, 2020.
- SCHAEFER, Ricardo; MINELLO, Ítalo F. Educação Empreendedora: premissas, objetivos e metodologias. **RPCA – Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 10, n. 3, p. 60-81, jul./set., 2016.
- _____. Desafios Contemporâneos da Educação Empreendedora: Novas Práticas Pedagógicas e Novos Papéis de Alunos e Docentes. **Revista da Micro e Pequena Empresa – FACCAMP**, Campo Limpo Paulista, v. 14, n. 3, p. 134-149, 2020.

- _____. A Formação de Novos Empreendedores: Natureza da Aprendizagem e Educação Empreendedoras. **Revista da Micro e Pequena Empresa – FACCAMP**, Campo Limpo Paulista, v. 11, n. 3, p. 2-20, set./dez., 2017.
- SHORT, Jeremy C; KITCHEN JR., David J., SHOOK, Christopher L.; IRELAND, R. D. The concept of “opportunity” in entrepreneurship research: Past accomplishments and future challenges. **Journal of Management**, v. 36, n. 1, p. 40–65, jan., 2010.
- SILVA, Amanda S. B.; GUIMARÃES, Jairo C. Empreendedorismo feminino: perfil no segmento da beleza e da estética. **Revista da Micro e Pequena Empresa – FACCAMP**, Campo Limpo Paulista, v.12, n. 2, p. 53-71, maio/ago., 2018.
- SILVA, Fabiane C.; MANCEBO, Rafael C.; MARIANO, Sandra R. H. Educação Empreendedora como Método: O Caso do Minor em Empreendedorismo e Inovação da UFF. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 1, p. 196-216, 2017.
- SILVA, Júlio. F.; PENA, Roberto. P. M. O “be-á-bá” do ensino do empreendedorismo: uma revisão da literatura sobre os métodos e práticas da Educação Empreendedora. **REGEPE – Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 6, n. 2, p. 372-401, fev./jun., 2017.
- SILVEIRA, Amélia; NASCIMENTO, Sabrina; RIBOLDI, Larissa. Sustentabilidade e intenção empreendedora: estudo com discentes do curso de Administração da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC). **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 9, n. 2, p. 179-204, maio/ago., 2018.
- SOUSA, Evangelina. S. **Orientação religiosa, valores pessoais e intenção empreendedora: evidências empíricas no Brasil e em Portugal**. 222 f. (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil). UFC: Fortaleza, 2020.
- TEIXEIRA, Rivanda M.; BOMFIM, Lea C. S. Empreendedorismo feminino e os desafios enfrentados pelas empreendedoras para conciliar os conflitos trabalho e família: estudo de casos múltiplos em agências de viagens. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 10, n. 1, p. 44-63, jan./abr., 2016.
- TROTTE, Liana A. C.; SANTOS, José L. G.; SARAT, Caroline F. N.; MESQUITA, Maria Gefé R.; STIPP, Marlucci A. C.; SOUZA, Patrícia; DUARTE, Quêzia G. M.; GOBATO, Bruno C.; LIMA, Cláudia F. M. Tendência empreendedora de estudantes de Enfermagem: comparação entre alunos de graduação iniciantes e concluintes. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 29, p. 1-9, 2021.
- UGHETTO, Elisa; ROSSI, Mariacristina; AUDRETSCH, David; LEHMANN, Erik E. Female entrepreneurship in the digital era. **Small Business Economy**, n. 55, p. 305–312, dez., 2020.
- VIEIRA, Saulo F. A.; MELATTI, Gerson A.; OGUIDO, Wagner S.; PELISSON, Cleufe.; NEGREIROS, Letícia F. Ensino de empreendedorismo em cursos de administração: um levantamento da realidade brasileira. **Revista de Administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 93-114, abr./jun., 2013.
- VINHAS, Valéria Q.; LOPES, Ana L. S. V. Fique em Casa, a Casa Porto Entrega: Empreendedorismo Humanizado na Pandemia. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 25, n. Spe., 2021.
- WERLANG, Nathalia B.; FAVRETTO, Fabiane; FLACH, Rosiane O. Desenvolvimento e Evolução de Competências Empreendedoras em Alunos de um Curso de Graduação em Administração. **Revista de Empreendedorismo, Inovação e Tecnologia**, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 30-50, jul./dez., 2017.
- WINKLER, Carolina A. G.; MEDEIROS, Juliana. Dificuldades do Papel Empreendedor Desempenhado por Mulheres. **CAdm – Caderno de Administração**, v. 19, n. 2, p. 69-76, mar., 2012.
- ZAHRA, Shaker A.; WRIGHT, Mike. Entrepreneurship’s next act. **Academy of Management Perspectives**, v. 25, n. 4, p. 67–83, 2011.
- ZAMPIER, Marcia. A., TAKAHASHI, Adriana. R. W., TEIXEIRA, Rivanda. M. Intraempreendedorismo Feminino e Desenvolvimento de Competências Empreendedoras: Um Estudo de Caso com Professoras de Programas de Mestrado e Doutorado em Administração de Curitiba-PR. **Revista Economia & Gestão**, v. 11, n. 25, p. 34-61, maio, 2011.
- ZHANG, Pingying; WANG, Dongyuan D.; OWEN, Crystal L. A study of entrepreneurial intention of university students. **Entrepreneurship Research Journal**, v. 5, n. 1, p. 61-82, 2015.